

A CONSTRUÇÃO [S + A/ERIA] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO SEGUNDO A GRAMÁTICA COGNITIVA*THE [N + A/ERIA] CONSTRUCTION IN BRAZILIAN PORTUGUESE ACCORDING TO COGNITIVE GRAMMAR**Mariana Pimentel Lopes de Souza¹**Janderson Luiz Lemos de Souza²***RESUMO**

A partir de um modelo baseado no uso, a Gramática Cognitiva, este artigo busca descrever e explicar a formação de palavras como “açaiteria”, “esmalteria” e “hamburgueria”, usadas na designação de estabelecimentos comerciais, no português brasileiro (PB). O modelo prevê que a aquisição de palavras pelo falante nativo inclui a apreensão dos esquemas por trás das palavras e permite tanto a identificação de outras palavras que compartilhem o mesmo esquema quanto o uso criativo do esquema. Assim, o esquema em questão nos parece ser [S + a/eria], e nossas hipóteses de trabalho são que (i) tal esquema foi apreendido de palavras mais antigas na língua, como “padaria”, “drogaria” e “lavanderia”; e (ii) a formação de palavras como “açaiteria”, “esmalteria” e “hamburgueria” pode ser considerada como evidência da produtividade do esquema. Adotamos a Gramática Cognitiva por ser o modelo da Linguística Cognitiva que mais se ocupa das relações entre léxico e gramática. Nossa conclusão é que o esquema [S + a/eria] é produtivo no PB, o que, nos termos da GC, confere a tal esquema a condição de molde.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Morfologia. Semântica. Gramática Cognitiva. Linguística Cognitiva.

ABSTRACT

Based on a usage-based model, Cognitive Grammar, this article aims to describe and explain the formation of words such as “açaiteria”, “esmalteria” and “hamburgueria”, used to designate commercial establishments in Brazilian Portuguese (BP). The model predicts that word acquisition by native speakers involves grasping the schemas behind words, allowing for both the identification of other words that share the same schema and the creative use of the schema. Thus, the schema at issue appears to be [N + a/eria], and our working hypotheses are that (i) this schema was gleaned from older words in the language, such as “padaria”, “drogaria” and “lavanderia”, and (ii) the formation of words like “açaiteria”, “esmalteria” and “hamburgueria” can be considered evidence of the schema’s productivity. We adopt Cognitive Grammar (CG) for this is the model of Cognitive Linguistics that most extensively addresses the relationships between lexicon and grammar. Our conclusion is that the schema [N + a/eria] is productive in BP, which means, according to CG, that such a schema is a template.

KEYWORDS: Lexicon. Morphology. Semantics. Cognitive Grammar. Cognitive Linguistics.

Apresentação

São Paulo, suas paleterias viraram food parks, seus food parks viraram brigaderias, suas brigaderias viraram esmalterias, suas esmalterias viraram barbearias, suas barbearias continuam firmes e fortes com seus cortes “chavosos” e “blindados”. (Gilberto Amendola, São Paulo – Error 404 Not Found, Estadão, 24/1/2022)

¹ Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), mariana.pimentel90@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0004-7526-3742>

² Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), janderson.souza@unifesp.br, <https://orcid.org/0000-0002-4252-7789>

Escolhemos como epígrafe para este artigo o trecho de uma coluna que nos foi enviado pela linguista Margarida Basilio logo depois da defesa da dissertação de mestrado de que resulta este artigo (SOUZA, 2021). O trecho remete à primeira hipótese que formulamos para descrever a construção [S + a/eria] no português brasileiro (PB): a de que seria um fenômeno circunscrito ao português paulistano e restrito à designação de estabelecimentos comerciais.

Tal hipótese foi falseada por dados de outras variedades do PB, o que, nos termos do modelo teórico adotado, corresponde a um grau maior de convencionalidade. O fato de a formação de palavras a partir da construção [S + a/eria] chegar aos jornais remete a questões centrais na Morfologia, em particular, e na Linguística, em geral: (i) a variação lexical, (ii) a potencial mudança a partir da variação, (iii) a provável repercussão lexicográfica do uso pela imprensa e (iv) a produtividade da construção [S + a/eria].

Este artigo e a dissertação que lhe serve de base se ocupam desta última questão. A princípio, parecia-nos que os substantivos que instanciavam a construção [S + a/eria] se restringiriam aos que dão nome ao alimento vendido, como *açaí* e *hambúrguer* em *açaiteria* e *hamburgueria*, respectivamente. Depois, constatamos que outras substâncias serviam para a designação de estabelecimentos comerciais, como *esmalte*, mas que uma *esmalteria* não vende esmalte, e sim presta o serviço de fazer as unhas, é um salão especializado nesse serviço. Mais tarde, encontramos o evento *risadaria*, um espetáculo dedicado a fazer dar risada.

Diante da diversidade dos dados, nossa hipótese deixou de se restringir a uma variedade do PB e do domínio comercial. Passou a ser que a construção [S + a/eria] é produtiva na variedade nacional do português, o que caracteriza um fenômeno mais convencional do que nos parecia inicialmente. Restrito ou difuso, o fenômeno se enquadra no terreno clássico da formação de palavras, em que a tradição gramatical estabeleceu um olhar retrospectivo, dirigido a palavras reais, e diacrônico, dirigido à etimologia de cada palavra, enquanto o lexicalismo gerativo estabeleceu um olhar prospectivo, dirigido a regras que remetem a palavras potenciais, e sincrônico, em que as regras atuam na aquisição do léxico.

Nosso objetivo, no entanto, é descrever a construção [S + a/eria] com base na gramática cognitiva (GC), modelo da linguística cognitiva (LC) que “(...) *shares with formal approaches the commitment to seeking explicit characterizations of language structure*” (LANGACKER, 2008, p. 8). Por isso, este artigo reserva a seção 1 para a tradição gramatical e a morfologia histórica, a seção 2 para os conceitos da GC mobilizados na proposta de análise, a seção 3 para os dados e considerações metodológicas e a seção 4 para a análise.

1. Tradição gramatical e morfologia histórica

Nesta seção, reunimos posições da tradição gramatical e da morfologia histórica acerca do sufixo *aria*. A abordagem a esse sufixo se justifica tanto por sua formação mediante a combinação de outros dois outros sufixos, *ário* e *ia*, quanto pela existência de palavras antigas na língua, como *padaria* e *lavanderia*.

Rocha Lima (1996) inclui:

- a. *aria/eria* entre os sufixos latinos:
ARIA, ERIA (forma substantivos de substantivos): *alfaiataria, cavalaria, drogaria, feitiçaria, luvária, maquinaria, pedraria, pirataria, rouparia*. (p. 208)
- b. *ário* entre os sufixos latinos:
ÁRIO, EIRO (forma substantivos de substantivos): *boticário, camponário, estatutário; barbeiro, cajueiro, galinheiro, nevoeiro, toureiro; cabeleira, cigarreira, pedreira, pulseira*. (p. 208)
- c. *ia* entre os sufixos gregos:
IA: *astronomia, filosofia, geometria, energia, euforia, profecia*. (p. 211)

Essa descrição associa a construção [S + a/eria] à formação de substantivos a partir de substantivos, no que retoma a íntima relação entre formação de palavras e classes de palavras, ressaltada pelo lexicalismo gerativo (BASILIO, 1987, cap. 7).

Cunha e Cintra (2001, p. 95), por sua, apresentam os mesmos sufixos, só que associados a significados. Reproduzimos abaixo as linhas da tabela de “outros sufixos nominais” em que os autores incluem os sufixos:

Quadro 1: Sufixos

| SUFIXO | SENTIDO | EXEMPLIFICAÇÃO |
|--------|---|---|
| -aria | atividade, ramo de negócio noção coletiva ação própria de certos indivíduos | carpintaria, livraria gritaria, pedraria patifaria, pirataria |
| -ário | ocupação, ofício, profissão lugar onde se guarda algo | operário, secretário herbário, vestiário |
| -ia | profissão, titulação lugar onde se exerce uma atividade noção coletiva | advocacia, baronia delegacia, reitoria cavalaria, clerezia |

Fonte: Cunha e Cintra (2001, p. 95)

A inclusão dos sentidos indicados pelos sufixos reforça a caracterização gerativa do processo por sua função semântica, que contrasta com a função sintática exatamente pela não mudança de classe (BASILIO, 1987). A análise pretendida neste artigo parte do pressuposto de que “*grammar is meaningful*” (LANGACKER, 2008, p. 3), mas a concepção de significado é completamente outra, na medida em que resulta da conceitualização pela cognição corporificada. Em outras palavras, considerações semânticas por parte do lexicalismo gerativo pressupõem que a mente é modular e que o significado é uma propriedade da forma, enquanto considerações semânticas por parte da LC, em geral, e da GC, em particular, pressupõem que a mente não é modular e que o significado se associa à forma.

Cunha (1998) acompanha a observação dos significados envolvidos e a descrição do sufixo *aria* como combinação dos sufixos *ário* e *ia*. O autor inova ao ampliar as categorias semânticas em que vimos Cunha e Cintra (2001) distribuir as palavras no quadro acima. Eis as categorias propostas por Cunha (1998):

-*aria* *suf. nom.*, proveniente da fusão do suf. lat. -*ārius* (<-*ÁRIO*) com o suf. gr. -*ía* [-*ār(ius)* + -*ía* → -*aria*], que se documenta em vocs. eruditos e semi-eruditos, com as noções básicas de (i) oficina: *cutelaria*, *marcenaria*; (ii) estabelecimento comercial: *drogaria*, *sapataria*; (iii) coleção de objetos: *pedraria*, *quinquilharia*; (iv) ação enérgica e/ou de grande intensidade: *fuzilaria*, *pancadaria*; (v) atitude própria de certos indivíduos: *patifaria*, *pirataria*. O suf. -*aria* modifica-se, às vezes, em -*eria*, quer por influência do fr. - *erie* (*bijuteria*), ou do it. -*eria* (*galeria*), quer por influência da terminação -*e* dos substantivos a que ele se liga: *leite/leiteria*, *sorvete/sorveteria*. Esta oscilação -*aria*/-*eria* ocorre em português desde o período medieval. (CUNHA, 1998, p. 66)

As categorias propostas por Cunha (1998) e por Cunha e Cintra (2001) permitem identificar o que há de continuidade e o que há de novidade entre as palavras mais antigas (ex.: *sapataria* e *joalheria*) e as palavras mais recentes (ex.: *esmalteria* e *gravateria*).

Já as descrições propostas por Rocha Lima (1996) e Cunha (1998) quanto à alternância fonológica no sufixo permitem manter da tradição a concepção de que se trata de uma única forma, e não de duas, constitutiva da estrutura fonológica da construção [S + a/eria]. A reduzida atenção que a GC dispensa à fonologia (LANGACKER, 2019; LEMOS DE SOUZA, 2020) priva a descrição de recursos para explicar a possibilidade de inserção de [t], como em *açaiteria* e *yogateria*, que, diferentemente de *batataria*, *batateria* e *bicicletaria*, não têm a consoante nos substantivos que instanciam a construção: *açaí* e *yoga*.

Atendo-nos à abordagem do sufixo *aria* segundo a tradição gramatical, mencionemos um autor que lhe atribui origem diversa da apresentada por Rocha Lima (1996) e Cunha (1998):

Existem também exemplos de -*aria*, cuja origem estará às vezes no feminino e às vezes no plural neutro, e.g., *caldaria*, *casearia* e *carraria* (pan-românicos), *petraria*, etc. (MAURER Jr., 1959, p. 263)

Entretanto, o mesmo autor, em outra obra, ao tratar do sufixo *ia*, já havia reconhecido sua participação no sufixo *arie*:

Introduzido pelos escritores cristãos dos séculos 4 e 5 provavelmente, o sufixo é de importação culta e só pouco a pouco devia ter-se aproveitado como processo de derivação romance no Ocidente. Não ignoramos que há dificuldade para semelhante hipótese: é que o sufixo se crê ocorrer também na Dácia, onde revela vitalidade (cf. **domnie**, de **domn** = senhor, **prietenie**, de **prieten** = amigo, etc.). Sobretudo pode parecer impressionante o fato de que também na Dácia existe o sufixo composto -**arie** (**lemnarie** = lenharia, **brânzarie** = queijaria). Ora, se o sufixo teve tempo de implantar-se no Oriente, desde o século 5, parece inevitável a conclusão de que ele foi introduzido no latim em época anterior. (MAURER Jr., 1951, p. 91)

O que o autor nos leva a considerar é se há palavras em *aria* como feminino de *arius* ou neutro de *arium*, de um lado, e palavras em *aria* como produto da combinação de *arius* com *ia*:

Quanto a **-aríe**, seria neste caso coincidência fortuita, mas nada de estranhar, considerando-se que **-íe** se sobrepõe naturalmente a outros sufixos, como o de agente, etc. (e.g. **tor + ia: sabedoria, recebedoria; oso + ia: port. aleivosia**). Como o sufixo **-arius** é muito mais vivaz na Dácia, é natural que surgissem derivados com a sobreposição de **-íe** a este sufixo. A não admitir que houve aqui coincidência resultante de evolução independente tardia, teríamos que supor que não só *íe*, mas também **aríe** já eram usuais no latim vulgar antes da separação, e isto é menos provável ainda do que a existência do simples **-íe**. (MAURER Jr., 1951, p. 93)

A hipótese de combinação de sufixos mantém-se como alternativa de análise. Sem mencioná-la, Condé (2009, p. 42) também trata *eríe* como variante de *aríe* nas línguas galega e asturiana:

Nas línguas românicas, o sufixo *-eria* é a forma majoritária. Dentre as línguas iberorromânicas, o português é a única língua que possui formas majoritariamente sufixadas por *-aria*. Nas línguas asturiana e galega, apresentam-se poucas formas sufixadas por *-aríe*, mas sem dúvida a forma *-eríe* é a mais produtiva e mais usual. Para a forma sufixada em *-aríe*, sirvam-nos de exemplo *romaríe, comisaríe, secretaríe*.

A autora introduz o fator uso e a comparação com outras línguas. Passa, então, a indicar os séculos em que as palavras foram atestadas. Dado o lapso entre a existência das palavras e seu registro em documentos escritos, o acompanhamento dos registros por século não deve ser confundido com a garantia de formação em cada século:

[...] das palavras sufixadas por *-aria* e *-eria* do século XIII, a única terminada em *-eria* é *parceria*, registrada em 1209. Podemos observar, no entanto, que o sufixo *-eria* foi ampliando o seu acervo. Assim, no século XV, temos *cavaleria*; no XVI, *galanteria, altaneria, correria, grosseria, sobranzeria, rancheria, bateria*; no XVII, registram-se *alqueria, poltroneria, lavanderia, vozeria, volateria, galeria*; no século XVIII, *loteria, calaceria, mamposteria*; no século XIX, *serralheria, pedanteria, almocreveria, bijuteria, selvageria, almocreveria, bodomeria*; no século XX, *bilheteria, charcuteria, clichéria, carroceria, cristaleria, rotisseria, joalheria, creperia, choperia, bateria, cafeteria, leiteria, biscouteria, peleteria, sorveteria, uisqueria, danceteria, escuderia, lambateria, organeria*. (CONDÉ, 2009, pp. 42-3)

Condé (2009), assim como Cunha (1998), atribui a variação de *aria* em *eria* à vogal final da palavra com que o sufixo se combina:

O sufixo *-eria* na língua portuguesa resulta também de substantivos, cuja vogal temática nominal *-e* na palavra base resulta em *-eria* – sirvam-nos de exemplo *chope* → *choperia*, ou ainda, formas mais usuais como *sorvete* → *sorveteria* e *leite* → *leiteria*, que se contrapõem às menos usuais *sorvetaria* e *leitaria*. (CONDÉ, 2009, p. 44)

Essa observação, permite pensar na formação de “hamburgueria” como resultado da combinação de *hamburger* + *ia* ou *hamburger* + *eria* a julgar estritamente por processos fonológicos. A razão por que a segunda alternativa é a que defendemos neste artigo diz respeito ao significado construcional, conforme explicaremos na próxima seção.

Quanto às categorias semânticas, Condé (2009) amplia o número previsto pelo autor nos termos do lexicalismo gerativo: local onde há X (base nominal); local onde se X^V (base verbal); atividade (ofício) associada a X (base nominal); conjunto, quantidade de X (base nominal); propriedade de (C) ser X^P (base predicativa ou adjetival/participial), onde (C) é o complemento sintático preposicionado da palavra formada; ação de X^V (base verbal), o fato de X^V; instrumento (com) que (se) X^V. Para a autora, o português, o galego e o asturiano compartilham a distribuição das palavras em -aria/-eria em tais categorias.

Os autores reunidos nesta seção não são os únicos da tradição gramatical nem da morfologia histórica a tratar do sufixo *aria*. O levantamento não pretende ser exaustivo, e sim apontar as principais questões, que, a nosso ver, são (i) a alternância entre *aria* e *eria*, (ii) a condição de *aria* como resultado da combinação entre ário e *ia* e (iii) a evolução de ário a *eiro*. A primeira questão nos leva a postular uma única construção: [S + a/eria]. A segunda e a terceira nos levam a identificar uma rede de construções. Retomamos tais questões na próxima seção.

2. Gramática cognitiva

A GC se caracteriza como o modelo da LC que mantém a agenda de pesquisa instituída pelo lexicalismo gerativo (BASÍLIO, 2010; LEMOS DE SOUZA, 2020). A concepção do léxico como módulo separado da gramática e constituído por regras de formação de palavras é rejeitada em favor da concepção do léxico como rede de construções específicas (expressões), da gramática como rede de construções gerais (esquemas) e da integração entre essas redes.

Both specific expressions and abstracted schemas are capable of being entrenched psychologically and conventionalized in a speech community, in which case they constitute established **linguistic units**. Specific expressions with the status of units are traditionally recognized as lexical items. More schematic units correspond to what is traditionally regarded as grammar. The difference, though, is a matter of degree, and in CG these form a continuum. (LANGACKER, 2009, p. 2)

Tanto esquemas quanto expressões significam: o significado dos esquemas é chamado de **significado construcional**, ou *construal*³, enquanto o significado das expressões é chamado de **significado lexical**. A centralidade do significado se reflete na representação da construção⁴:

³ Mantemos o termo em inglês na ausência de tradução estabelecida para o português.

⁴ Na GC, *construção* é um conceito que se aplica tanto a esquemas, como [S + a/eria], quanto a expressões, como *hamburgueria*. A modelagem da gramática por construção não se restringe à Linguística Cognitiva. Encontra-se também na Linguística Gerativa e na Linguística Funcional.

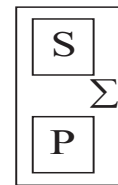
(a) Semantic Structure



(b) Phonological Structure



(c) Symbolic Structure



(LANGACKER, 2009, p. 3)

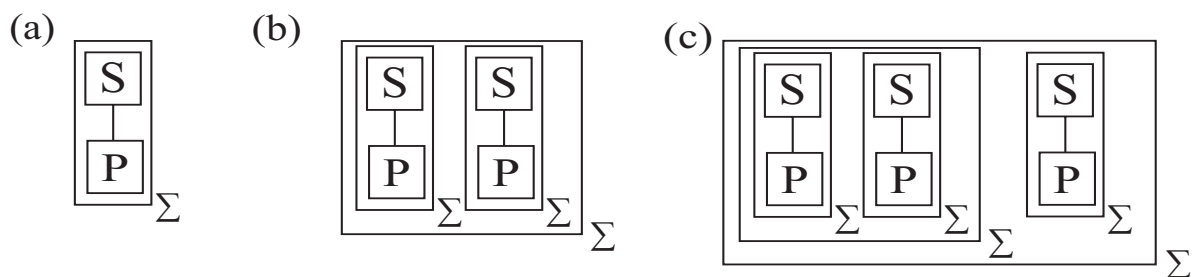
Como se vê, a estrutura semântica (S) predomina sobre a estrutura fonológica (P), em atenção ao fundamento segundo o qual a gramática é semanticamente motivada. A economia orienta o modelo na busca de uma abordagem unificada:

CG aims at a unified account of the various aspects of language structure. Instead of positing separate components (phonology, morphology, syntax, lexicon, semantics), thereby raising the spurious question of how they interface, it recognizes only semantic structures, phonological structures, and their association as symbolic structures – the minimum needed for language to serve its symbolizing function. (LANGACKER, 2018, p. 14)

Nesses termos, uma expressão simples, como *esmalte*, seria representada como [[ESMALTE]/[esmalte]]: a estrutura semântica primeiro, graficamente representada em letras maiúsculas, e a estrutura fonológica depois, graficamente representada em letras minúsculas. O esquema correspondente é [S] (de substantivo).

O processo que parte de um esquema para expressões é o de **instanciação**, enquanto o processo que parte de expressões para um esquema é o de **esquematisação**. O que a GC entende por **produtividade**, portanto, é a disponibilidade cognitiva de um esquema para a instanciação, que torna tal esquema um molde (LANGACKER, 2008; ALMEIDA; LEMOS DE SOUZA; KEWITZ, 2018).

Graças a esse processo, expressões simples podem se tornar gradativamente mais complexas:



(LANGACKER, 2008, p. 15)

O dado *esmalteria* corresponde ao grau (b) e pode ser representado como [[ESMALTE]/[esmalte]]-[ERIA]/[eria]]. A formação de *esmalteriazinha* corresponderia ao grau (c), em que *esmalteria* seria o S que instanciaria o esquema [S + zinho].

A busca por uma abordagem unificada leva a GC a distinguir entre a morfologia e a sintaxe apenas com base na instanciiação:

All of this holds for both morphological and syntactic patterns. If we wish to make a distinction, we can do no better than follow the tradition of drawing the line at the level of the word. **Morphology** is then described by schematic assemblies (like *N+less*) whose instantiations are no larger than words, and **syntax** by assemblies (like *N₁+less N₂*) with multiword instantiations. (LANGACKER, 2008, p. 24)

No entanto, a GC subdivide a instanciiação entre **elaboração** (instanciiação por conformidade plena, responsável por maior convencionalidade) e **extensão** (instanciiação por conformidade parcial, responsável por menor convencionalidade) e caracteriza a construção morfológica como *e-site* (lugar de elaboração). Segundo a GC, o que torna a construção morfológica incompatível com a extensão é o alinhamento A/D (autonomia/dependência), em que o elemento variável da construção (S) é autônomo e o elemento invariável (a/eria) é dependente:

Elaboration sites point to a fundamental aspect of linguistic organization. They indicate that certain structures, by their very nature, do not stand alone but require the support of others – they are **dependent** on other, more **autonomous** structures for their own manifestation. Thus dependent structures cannot be described independently, in their own terms, but only in relation to the autonomous structures that support them. As a consequence, a dependent structure refers schematically to an autonomous, supporting structure as an intrinsic aspect of its own characterization. This schematic substructure functions as an e-site when the dependent structure combines with an autonomous one. (LANGACKER, 2008, p. 199)

Essa articulação conceitual confere à GC o status, que reconhecemos no início deste artigo, de modelo da LC que permite uma abordagem em que a morfologia e a sintaxe são semanticamente motivadas, porém o alinhamento A/D caracteriza a morfologia, fazendo com que D contribua para o significado construcional e A contribua para o significado lexical, sem lugar para conflito na compatibilização entre A e D. Na construção [S + a/eria], a própria seleção de um substantivo para sua instanciiação faz parte da imposição do significado construcional.

[...] an expression's meaning depends on factors other than the situation described. On the one hand, it presupposes an elaborate **conceptual substrate**, including such matters as background knowledge and apprehension of the physical, social, and linguistic context. On the other hand, an expression imposes a particular **construal**, reflecting just one of the countless ways of conceiving and portraying the situation in question. (LANGACKER, 2008, p. 4)

Segundo a GC, o *construal* se desdobra nos seguintes elementos: **especificidade, proeminência, foco e perspectiva**. A descrição de cada um deles vai além dos objetivos deste artigo, em que importa assinalar que um esquema impõe seu significado na instanciiação. Dessa imposição resulta o significado das novas expressões formadas, no que a instanciiação pressupõe a produtividade.

2.1. Especificidade

Langacker (2008) entende a produtividade em termos muito próximos ao de Basilio (1987), isto é, articulando produtividade e generalidade. Para Basilio (1987, p. 29):

[...] noções como a negação, o grau, a designação de indivíduos ou entidades abstratas são noções bastante comuns e de grande generalidade; consequentemente, esperamos que processos que incluam tais noções em sua função sejam altamente produtivos.

Entendemos que a construção [S + a/eria] é produtiva por estar a serviço da “designação de indivíduos ou entidades abstratas”. Entendida como contraparte da especificidade, a generalidade do significado do esquema [S + a/eria] favorece à produtividade.

Langacker (2008) acrescenta a composicionalidade, entendida como sempre parcial, por ir além da contribuição semântica do esquema e a da expressão que instancia o esquema na formação de outra expressão.

Furthermore, language users employ a rich array of imaginative and interpretive abilities. Strictly speaking, then, a complex expression's meaning cannot be **computed** from lexical meanings and compositional patterns (the semantic poles of constructional schemas) but is more accurately seen as being **prompted** by them. (LANGACKER, 2008, p. 245)

A contraparte da composicionalidade, relativa à estrutura semântica de uma construção, é a analisabilidade, relativa à estrutura fonológica de uma construção. Retomamos esse conceito na seção sobre foco, outro elemento do *construal*.

2.2. Proeminência

Já a proeminência, segundo Langacker (2008, 2009), é desdobrada em alinhamento trajetor/marco e destaque (*profile*). O destaque é o que, segundo o modelo, define uma classe de palavras, podendo ser de **coisa** ou de **relação**:

Preliminary definitions of some basic classes can now be presented. Each category is characterized in terms of what an expression profiles. Thus a noun is defined schematically as an expression that profiles a **thing**. (LANGACKER, 2008, p. 98)

We can now define a **thing** as any product of grouping and reification. Since these are general cognitive phenomena, not limited to space or perception, things can emerge from constitutive entities in any domain or at any level of conceptual organization. (LANGACKER, 2008, p. 105-106)

Portanto, ser um substantivo é destacar uma coisa, dirigir o foco para uma reificação, por sua vez, a serviço da designação. Consequentemente, um esquema selecionar um substantivo para sua instanciação revela que seu significado construcional só se compatibiliza com esse destaque, ressalvado que a distinção entre autonomia e dependência também se aplica à distinção entre coisa e relação.

At the semantic pole, a prime example of unipolar A/D-alignment is the distinction between things and relationships. For typical cases (and with certain oversimplifications), we can say that things are conceptually autonomous and relationships are dependent. It is possible for a physical entity (e.g. a rock, a table, or a cat) to be conceptualized in and of itself, without its relationship to other objects being invoked in any crucial or salient way. By contrast, a relationship is conceptually dependent on its participants. (LANGACKER, 2008, p. 200)

Nesses termos, o destaque de coisa caracteriza o substantivo, enquanto o destaque de relação, a serviço da predicação, caracteriza o adjetivo, o verbo, a preposição e o advérbio, que diferem quanto ao caráter temporal ou atemporal da relação, desdobramento em que não avançaremos por ser o destaque de coisa o que caracteriza a construção [S + a/eria].

O concerto conceitual resultante associa designação, autonomia e coisa, por um lado, e predicação, dependência e relação, por outro, o que permite ao modelo submeter construções morfológicas e construções sintáticas aos mesmos processos, dos quais enfatizamos a esquematização e a instanciación.

2.3. Foco

Quanto ao foco, trata-se da seleção do conteúdo conceitual, de sua distribuição entre figura e fundo e do escopo dentro de um domínio. Conforme afirmamos na apresentação deste artigo, nossa primeira hipótese foi que a construção [S + a/eria] fosse instanciada apenas por substantivos que designassem o produto à venda em estabelecimentos comerciais, como em *hamburgueria* e *brigaderia*. No entanto, dados como *esmalteria* e *canhoteria* revelam que o foco consiste na seleção de outros conteúdos conceituais mesmo conservando-se o domínio comercial.

A seleção e o escopo como elementos do foco nos levam a incluir nesta seção dois outros conceitos fundamentais para a análise que propomos na próxima seção: **status de unidade** e **metonímia**.

O *status* de unidade permite rever as tradicionais classes de palavras como classes de unidades convencionais em vez de classes de formas. Assim, a dificuldade em delimitar unidades lexicais a partir de propriedades internas é superada pela concepção de que uma unidade lexical é delimitada a partir da rotinização, que culmina no *status* de unidade para o falante, e da convencionalidade, que culmina no *status* de unidade para a comunidade linguística.

It is important to realize that unit status does not entail the absence or unimportance of components, merely the routinized nature of their execution (which does however tend to diminish their individual salience). Though a unit, *moonless night* is clearly analyzable into *moonless* and *night*, and *moonless* into *moon* and *-less* (LANGACKER, 2008, p. 17).

Nestes termos, podemos considerar o dado *pão de queijaria* como evidência para reconhecer o status de *pão de queijo* como uma unidade. Primeiro, pelo seu destaque de coisa, compatível com sua analisabilidade em *pão*, *de* e *queijo*. Segundo, pelo significado lexical de *pão de queijaria*, que

poderia ser “pão que vem da queijaria” se a composicionalidade não se submetesse ao significado construcional, mas é “lugar onde se vende pão de queijo”. O significado convencional, verificado no uso e determinado pelo conhecimento de mundo, indica que *pão de queijo* goza de *status* de unidade e que essa é a unidade que instancia a construção [S + a/eria].

A metonímia, por sua vez, é definida por Langacker (2008, p. 119) como deslocamento do destaque, que vimos ser um dos elementos da proeminência: “*An implicit shift in profile is nothing other than the ubiquitous linguistic phenomenon known as **metonymy***”. O deslocamento pode se dar entre coisas, como o clássico exemplo de designação do cliente pelo lugar que ocupa num restaurante: *a mesa 4 pediu a conta*. Também pode se dar entre coisas e relações: *troquei meu carro velho* vs *ajudei um velho a atravessar a rua*.

Em formulação anterior, a GC propõe a distinção entre metáfora e metonímia com base em domínios da experiência (CROFT, 1993). Pode-se dizer que a compreensão da metonímia como deslocamento do destaque pressupõe a noção de domínio porque o deslocamento se dá entre coisas ou entre coisas e relações dentro do mesmo domínio da experiência. Basilio (2011) remete a tal compreensão ao reconhecer que:

Mais recentemente, a partir das proposições da Linguística Cognitiva, a metonímia é considerada como um fenômeno conceptual, no qual uma entidade conceptual dá acesso a outra entidade dentro do mesmo domínio ou modelo cognitivo. (p. 102)

O ponto que nos parece pertinente à análise da construção [S + a/eria] é que:

[...] processos morfológicos em correlação com padrões metonímicos atenuam o problema de acesso lexical em construções lexicais, dada a possibilidade quer de tornar-se redundante a armazenagem, quer de ser possível o acesso direto através de rotas de associação. (p. 103)

Esse ponto leva a duas perguntas de trabalho: (i) há um padrão metonímico associado à construção [S + a/eria]?; (ii) se houver, trata-se de um padrão que distingue as palavras que Cunha (1998) chamou de clássicas e as palavras que constituem nossos dados?

2.4. Perspectiva

A perspectiva é um elemento-chave na LC, em geral, não apenas na GC, em particular. O próprio conceito de *construal* é de natureza perspectivizada, na medida em que, na interação, corresponde a uma maneira de experienciar uma cena:

Pivotal to linguistic semantics is our ability to **construe** the same situation in alternate ways (LANGACKER, 1993a). Among the dimensions of construal are the level of specificity at which a situation is characterized, the perspective adopted for “viewing” it, and the degree of prominence conferred on the elements within it. (LANGACKER, 2009, p. 6)

Na língua, corresponde à estabilização de uma dentre tantas maneiras de experienciar uma cena, como na citação por meio da qual pretendemos desdobrar o significado lexical em conteúdo

conceitual e *construal*. Agora retomamos a citação para distinguir entre o sentido instável de *construal* (na interação), como na citação acima, e o sentido estável de *construal* (na língua), como na citação repetida abaixo:

[...] an expression's meaning depends on factors other than the situation described. On the one hand, it presupposes an elaborate **conceptual substrate**, including such matters as background knowledge and apprehension of the physical, social, and linguistic context. On the other hand, an expression imposes a particular **construal**, reflecting just one of the countless ways of conceiving and portraying the situation in question. (LANGACKER, 2008, p. 4)

A concepção de língua como codificação da experiência define toda a LC, não apenas um de seus modelos. O termo *construal* é que é próprio da GC na implementação dessa concepção em sua definição como modelo baseado no uso.

Também é próprio do modelo considerar a possibilidade de o *construal* poder ser mais objetivo, quando perspectiviza o conteúdo conceitual em sua relação com domínios básicos (espaço e tempo), ou mais subjetivo, quando perspectiviza o conteúdo conceitual em sua relação com domínios não básicos (enquadres).

A *subjectivização* é, então, um processo de extensão semântica pelo qual uma entidade passa de *objecto* a *sujeito* de per/concepção e, conseqüentemente, o conceitualizador/locutor (ou um outro elemento do acto de fala) deixa de ser um observador/elemento externo e passa a fazer parte do conteúdo de conceptualização. (SOARES DA SILVA, 2006, p. 105)

A **subjetivização** se dá tanto na formação de novas expressões (enquadramento) quanto na formação de novos significados para expressões estabelecidas (reenquadramento), resultando em apreciação ou depreciação.

Na seção 5, pretendemos mobilizar os conceitos apresentados nesta para esboçar uma proposta de análise da construção [S + a/eria] que contemple sua produtividade no PB. Antes, passemos aos dados e a considerações metodológicas.

3. Levantamento de dados e considerações metodológicas

A LC se caracteriza como um teoria em que tanto o recurso à intuição quanto a verificação empírica, seja sincrônica, seja diacrônica, têm lugar (cf. SOARES DA SILVA, 2009; LANGACKER, 2008). A pesquisa em Morfologia segundo a GC, por sua vez, exige o levantamento de dados do uso como método para justificar suas hipóteses. Os dados, no entanto, podem não ser passíveis de identificação automatizada em *corpora* por estarem dispersos e sujeitos apenas ao levantamento fortuito.

Essa dificuldade metodológica tem a ver com a própria hipótese de que uma construção seja produtiva. Por exemplo, *Veganeria* é o nome de um restaurante na rua Harmonia (Vila Madalena), assim como *Tartuferia* é o nome de um restaurante na alameda Tietê (Jardins). A busca por essas palavras em *corpora* pressuporia saber que elas existem, mas o percurso da pesquisa partiu de uma

sucessiva descoberta de novas palavras na designação de estabelecimentos comerciais, eventos e grupos sociais.

Assim, os dados que constituem o *corpus* da pesquisa que origina este artigo foram encontrados mediante (i) a busca inicial por estabelecimentos comerciais e (ii) o encontro fortuito de expressões em outros domínios. Cada dado apresenta diferentes graus de previsibilidade referencial, um fato esperado na pesquisa em LC, dado que a teoria se baseia na motivação.

Por exemplo:

Figura 1



Fonte: Acervo do autor

O encontro do dado *gateria* se deu em referência a um *pet shop* especializado no cuidado de gatos, e não a um criadouro de gatos nem a um encontro de gatos (em sentido experiencial ou metafórico), tampouco outro referente possível à luz de uma teoria comprometida com o realismo experiencial.

O quadro abaixo reúne os 123 dados coletados ao longo da pesquisa:

Quadro 2: dados

| Expressão | Local | Expressão | Local |
|--------------|--------------------------|-------------|-------------------------|
| Açaiteria | São Miguel Paulista (SP) | Açougueria | Itapevi (SP) |
| Adesivaria | Limeira (SP) | Azulejaria | Loja on-line |
| Armeria | Loja on-line | Bananaria | Loja on-line |
| Batataria | Campo Limpo (SP) | Batateria | Guarulhos (SP) |
| Bicicletaria | São Paulo (SP) | Bikineria | Brasília (DF) |
| Biquinaria | Loja on-line | Biscoitaria | São Paulo (SP) |
| Biscoiteria | São Paulo (SP) | Bolacharia | São Caetano do Sul (SP) |
| Boleria | Goiânia (GO) | Bonecaria | Belo Horizonte (MG) |
| Brigaderia | São Paulo (SP) | Brinderia | São Paulo (SP) |
| Brinquedaria | Brasília (DF) | Brownieria | Rio de Janeiro (RJ) |
| Bruncheria | São Paulo (SP) | Cabelaria | Mairiporã (SP) |

| | | | |
|--------------|-----------------------------|----------------|----------------------------|
| Cabidaria | Loja on-line | Cabideria | Loja on-line |
| Cachaçaria | Belo Horizonte (MG) | Cadernaria | Loja on-line |
| Calcinharia | Mogi das Cruzes (SP) | Caneteria | São Paulo (SP) |
| Canhoteria | São Paulo (SP) | Castanharia | Loja on-line |
| Capinharia | Loja on-line | Cervejaria | Blumenau (SC) |
| Chapelaria | Loja on-line | Cheesecakeria | Moema (SP) |
| Chinelaria | Votuporanga (SP) | Chocolataria | Gramado (RS) |
| Chopperia | Jacareí (SP) | Churreria | Jacareí (SP) |
| Comidaria | São Paulo (SP) | Comideria | Blog |
| Coiseteria | Rio de Janeiro (RJ) | Conviteria | Loja on-line |
| Coquetelaria | Indianópolis (SP) | Costuraria | São Paulo (SP) |
| Coxinharia | Aracaju (SE) | Crocheria | Porto Alegre (RS) |
| Cuecaria | Nova Friburgo (RJ) | Curseria | Site |
| Dogueria | Boa Esperança do Sul (SP) | Empadaria | Assis (SP) |
| Empaderia | Belo Horizonte (MG) | Esmalteria | São Paulo (SP) |
| Espetaria | Campinas (SP) | Estamparia | Cambara (PR) |
| Focacceria | Jundiaí (SP) | Fondueria | Campos do Jordão (SP) |
| Formigaria | São Paulo (SP) | Fraldaria | Amparo (SP) |
| Fritaria | Comunidade no Facebook | Frutaria | São Paulo (SP) |
| Gateria | Balneário Camboriú (SC) | Gelateria | São Paulo (SP) |
| Gravataria | São Paulo (SP) | Hamburgueria | São Paulo (SP) |
| Lancheria | Torres (RS) | Lancheteria | Mogi das Cruzes (SP) |
| Lasanharia | São Paulo (SP) | Lasanheria | Indianópolis (SP) |
| Legumeria | Comunidade no Facebook | Letrinharia | Loja on-line |
| Linguageria | Blog | Manteigaria | São Paulo (SP) |
| Massaria | São Paulo (SP) | Memeria | Perfil no Instagram |
| Milkshakeria | Capão da Canoa (RS) | Movelaria | Ourinhos (SP) |
| Narguilaria | Jundiaí (SP) | Narguileria | Mairiporã (SP) |
| Omeleteria | Loja on-line | Paleteria | São Paulo (SP) |
| Palhaçaria | Peça teatral | Palmitaria | Salvador (BA) |
| Pamonharia | Goiânia (GO) | Panelaria | Comunidade no Facebook |
| Paneria | São Paulo (SP) | Panetoneria | Loja on-line |
| Panquecaria | Itabira (MG) | Pãodequeijaria | Paracatu (MG) |
| Passaderia | São Bernardo do Campo (SP) | Peluciarie | Loja on-line |
| Perucaria | Bauru (SP) | Picanheria | São Paulo (SP) |
| Pijamaria | Três Lagoas (MS) | Pilateria | São Paulo (SP) |
| Pipocaria | São Paulo (SP) | Piscinaria | Sumaré (SP) |
| Quadreria | São Paulo (SP) | Rabiscaria | Comunidade no Facebook |
| Raquetaria | Loja on-line | Retrataria | Perfil no Instagram |
| Risadaria | Festival de stand-up comedy | Rouparia | Santa Bárbara D'Oeste (SP) |
| Saboneteria | Praia do Forte (BA) | Saladeria | Fortaleza (CE) |
| Salgateria | São Paulo (SP) | Sanduberia | São Paulo (SP) |

| | | | |
|--------------|---------------------|------------|----------------|
| Sanduicheria | Goiânia (GO) | Sonheria | São Paulo (SP) |
| Sorrisaria | São Paulo (SP) | Sucaria | Limeira (SP) |
| Sushinharia | Rio de Janeiro (RJ) | Tabacaria | São Paulo (SP) |
| Tapiocaria | Itajaí (SC) | Tartuferia | São Paulo (SP) |
| Tatuaria | São Paulo (SP) | Temakeria | São Paulo (SP) |
| Tijolaria | São Paulo (SP) | Toalheria | São Paulo (SP) |
| Tsherteria | Loja on-line | Ursaria | Loja on-line |
| Videogameria | Loja on-line | Vinheria | São Paulo (SP) |
| Yogateria | São Paulo (SP) | | |

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

4. Proposta de análise

Nesta seção, propomos uma análise da construção [S + a/eria] que não se pretende exaustiva, e sim capaz de articular aspectos apontados pela tradição gramatical e os conceitos selecionados do modelo teórico adotado.

4.1. Formação de substantivos a partir de substantivos

Na seção 1, vimos que Rocha Lima (1996) e Cunha e Cintra (2001) assinalam que o sufixo *aria* forma substantivos a partir de substantivos. Na seção 2, vimos que ser um substantivo é semanticamente definido pelo destaque de coisa, reflexo na língua da reificação na cognição.

O fato de que a construção [S + a/eria] pode ser instanciada apenas por substantivos (unidades que destaquem coisa a despeito de sua caracterização como palavras) e tem apenas substantivos como expressões resultantes de sua instanciação nos parece ser sua principal propriedade semântica.

Como afirmamos também na seção 2, a partir da convergência identificada entre Basilio (1987) e Langacker (2008) por diferentes caminhos teóricos, a produtividade da construção [S + a/eria] se deve à generalidade da designação de lugares (experenciais ou metafóricos). Nos termos da GC, concluímos que a generalidade, contraparte da especificidade, é o que define seu significado.

Outro elemento de seu significado é o foco, que tem o escopo como um de seus elementos. O dado *pão de queijaria*, que mencionamos na seção 2 para ilustrar o *status* de unidade lexical de *pão de queijo*, ilustra que essa unidade é o escopo da construção [S + a/eria] e, por isso, ocupa a posição S (autônoma). Por isso, o significado de *pão de queijaria* é ‘lugar onde se vende pão de queijo’.

A formação de *queijaria*, por sua vez, resulta da instanciação da mesma construção por *queijo*. Por isso, *pão de queijaria* poderia significar ‘pão que vem de queijaria’, caso em que seria uma unidade da sintaxe, em que o escopo seria [pão[de[queijaria]]].

A constatação de que *pão de queijaria* significa ‘lugar onde se vende pão de queijo’ impede que a palavra gráfica esconda o escopo, que não é [pão[de[queijaria]]], e sim [[pão de queijo]aria]. Esse dado ilustra por que uma construção é constituída por uma estrutura fonológica (pertinente à analisabilidade da expressão) e uma estrutura semântica (pertinente à composicionalidade da expressão).

Na seção 2, vimos que, segundo a GC, a perspectiva pode ser mais objetiva ou mais subjetiva. A dimensão mais objetiva do significado da construção [S + a/eria] está na designação de lugares ou eventos, em que a direção é de quem produz para quem consome. A coisa destacada por S não se restringe, como também já vimos, a produtos à venda. A perspectiva dirige o foco para o elemento mais saliente no domínio e, por isso, mesmo dentro do domínio comercial, há *hamburgueria*, em que *hambúrguer* é mais saliente como fim, e *esmalteria*, em que *esmalte* é mais saliente como meio.

Já a dimensão mais subjetiva está no que podemos chamar de “gourmetização” do lugar designado por expressão resultante da instanciação da construção [S + a/eria]: uma *browneria* não apenas vende *brownie*, o *brownie* ali vendido é mais sofisticado; uma *esmalteria* não é um salão qualquer onde se pode fazer unha, é um salão mais especializado. Como vimos na seção 2, a inclusão da perspectiva no significado da construção corresponde ao que a GC entende por subjetivização, neste caso produzindo apreciação.

Assim, a formação de substantivos a partir de substantivos pela instanciação da construção [S + a/eria] se revela um fenômeno semanticamente motivado, cuja caracterização depende da consideração do *status* de unidade, da relação entre produtividade e generalidade, do foco e da perspectiva.

4.2. Rede de construções

Na seção 1, vimos que Rocha Lima (1996) considera *aria* e *eiro* um único sufixo. A evolução de ário a *eiro* é um fato diacrônico do português, que, no entanto, não deve ser confundido com o fato sincrônico do PB de que são duas as construções: [X + ário] e [X + eiro].⁵

Os autores reunidos na seção 1 também apontam a formação do sufixo *a/eria* como combinação entre os sufixos ário e *ia*. Novamente, a GC nos leva a estipular duas construções: [X + ário] e [X + ia].

Esses fatos nos levam a distinguir entre:

- a. a mescla como operação cognitiva que atua na formação de autônomos (ex.: *namorido*, *escragiário*, *Copanema*) e de dependentes (ex.: *a/eria*);
- b. e a estruturação de uma língua natural como rede de construções.

Quanto à mescla, ressaltamos que ela está entre as habilidades imaginativas e interpretativas com que vimos Langacker (2008) adotar a versão parcial da composicionalidade. Na seção 2.2.3, o autor reconhece afinidades entre a Teoria dos Espaços Mentais e a GC ao incorporar a mescla como operação cognitiva e equiparar os conceitos de *domínio* e *espaço mental* como duas formas não equivalentes de ver o conteúdo conceitual: o domínio relativamente ao significado lexical (língua), o espaço mental relativamente à fala (interação)

⁵ Passamos a representar todas as construções pela variável X, na medida que seria necessário investigar a partir de quais expressões são esquematizadas e se podem ser instanciadas.

Neste artigo, afastamo-nos da menção à mescla para a classificação de seus produtos, predominante nos estudos morfológicos, e ressaltamos seu *status* de operação cognitiva a serviço da integração conceitual. Isso nos leva a identificá-la como causa da formação tanto de autônomos quanto de dependentes.

Como evidência de sua atuação na formação autônoma, existe farta literatura sobre cruzamentos vocabulares ou *blends* como os que usamos como exemplos no item (a) acima. Durante a coleta dos dados que reunimos neste artigo, encontramos o dado *maconharia*:

Figura 2



Fonte: Acervo dos autores

A expressão *maconharia* poderia ser analisada como produto da instanciação da construção [X + a/eria] pelo substantivo *maconha*. No entanto, a descrição do grupo no Facebook permite identificar que se trata de uma “sociedade discreta” dedicada à maconha. Nem sempre um dado é acompanhado de alguma pista sobre o entendimento do falante. Esse veio com uma descrição que nos leva a considerar *maconharia* como mescla entre *maçonaria* e *maconha*, e não como um dado que sirva como evidência da produtividade da construção [X + a/eria]. Assim, temos a mescla tanto na formação do autônomo *maconharia* quanto na formação do dependente *a/eria* em diferentes estágios da língua portuguesa.

Os exemplos de Maurer Jr. (1951, p. 93), na seção 1, para ilustrar “[...] que -ia se sobrepõe naturalmente a outros sufixos, como o de agente [...]” são *sabedoria* e *recebedoria*. Durante nossa coleta de dados, encontramos *comedoria*. O que essas expressões, separadas temporalmente, nos informam é que estão na mesma rede as construções [X + or] e [X + ia], da qual resultam expressões como *autor/autoria*, *ouvidor/ouvidoria*, *promotor/promotoria*, *relator/relatoria*, *zelador/zeladoria*, assim como *comedor/comedoria*.

O fato de que nem toda expressão resultante da instanciação da construção [X + or] forma um par com uma expressão resultante da instanciação da construção [X + ia] remete tanto ao compromisso da LC com a motivação, e não com a previsibilidade, quanto ao fato de outras construções integrarem a rede. Por exemplo, *professor* não remete a *professoria*, mas sim a *professorado* e *professoral*, o que convida a incluir na rede – ou em um de seus ramos – [X + ado] e [X + al].

A relação diacrônica entre *ário* e *eiro*, considerada por Rocha Lima (1996) para pensar em formas do mesmo sufixo, já foi observada como evidência da existência de duas construções. Agora a retomamos como evidência da estrutura da língua como rede de construções.

On this basis, we can describe a language as a **structured** inventory of conventional linguistic units. This structure – the organization of units into networks and assemblies – is intimately related to language use, both shaping it and being shaped by it [...] (LANGACKER, 2008, p. 222)

A partir desse entendimento sobre a estruturação linguística a partir da unidade construção, relemos as descrições disponíveis na literatura. Por exemplo, segundo Silva (2017, p. 18), temos:

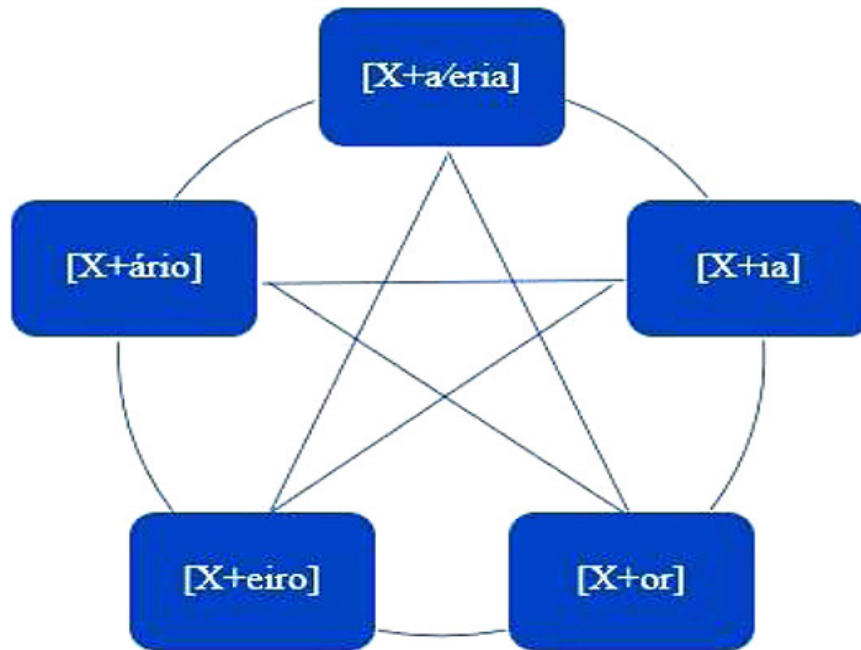
[...] os agentes profissionais X-eiro(a), que precisam, basicamente, de duas paráfrases relativamente distintas para abarcar todas as formações do português: ‘Aquele que trabalha com X’ (‘sapateiro’, ‘sorveteiro’, ‘relojeiro’) e ‘Aquele que trabalha em X’ (‘açougueiro’, ‘sorveteiro’, ‘relojeiro’).

Tendo em vista que ‘aquele que trabalha com X’ é uma paráfrase geral o suficiente para abranger meio (aquele que trabalha com esmalte) e fim (aquele que trabalha com hambúrguer), as instanciações da construção [X + a/eria] poderiam corresponder a um agentivo assim parafraseável. No entanto, tais expressões não têm um par agentivo: existe *hamburgueria* mas não *hamburgueiro*, existe *esmalteria* mas não *esmalteiro*, o que não é específico das palavras mais recentes, dado que existe *drogaria* mas não *drogueiro*, assim como existe *lavanderia* mas não *lavandeiro*.

Essas afirmações do que não existe se baseiam em nossa intuição e podem não resistir a uma busca no Google. Se existirem, prevalecerá o caráter do modelo como baseado no uso e a despreensão da teoria de prever. No entanto, a existência de pares (*sapataria* / *sapateiro*, *padaria* / *padeiro*, *sorveteria* / *sorveteiro*) não cria a expectativa por pares, apenas evidencia que faz sentido haver pares, dada a presença das duas construções em questão na rede.

A rede que os dados nos levam a propor inclui as seguintes construções:

Figura 3



Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Sem qualquer direcionalidade ou hierarquia, esta é uma mera representação de como uma análise baseada na GC permite rever as contribuições oferecidas pela tradição gramatical a partir da concepção de uma língua natural como rede de construções. A rede permite, ainda, descrever o papel da morfologia na variação, na medida em que nem todos os falantes têm conhecimento de todas as construções que formam a rede⁶, ou melhor, que há uma rede para cada falante.

4.3. O papel da metonímia

Encerramos a seção 2 com duas perguntas de trabalho: (i) há um padrão metonímico associado à construção [S + a/eria]?; (ii) se houver, trata-se de um padrão que distingue as palavras que Cunha (1998) chamou de clássicas e as palavras que constituem nossos dados?

Nossos dados (v. quadro 2) incluem *frutaria*, *canhoteria*, *bananaria*, *formigaria* e *esmalteria*, entre outras expressões. Os estabelecimentos designados por *frutaria* são tanto dos que vendem frutas quanto dos que vendem sucos de frutas. A polissemia de *frutaria* é, portanto, metonímica, dado que o acesso a frutas (significado experiencial) é mais direto que o acesso a um dos usos das frutas, dentre os quais sucos (significado metonímico). No entanto, a polissemia de *frutaria* revela o papel da metonímia no significado dessa expressão, enquanto o que buscamos conhecer é se a metonímia atua no significado construcional. As demais expressões enumeradas no início deste parágrafo nos levam a concluir que sim.

⁶ Um fator que pode tornar a descrição do fenômeno ainda mais complexo é o bilinguismo. O fato de que existe *cheesecakery* em inglês pode influir na maior convencionalidade de *cheesecakeria* entre falantes do português que também falam inglês? Ou na própria formação da palavra *cheesecakeria* por falantes que conheçam a construção [X + ery] do inglês?

O estabelecimento que encontramos designado por *canhoteria* não vende canhotos (talões, recibos), e sim coisas pensadas para quem escreve com a mão esquerda e, portanto, nunca encontra produtos que lhe sirvam por serem pensados para quem escreve com a mão direita. Portanto, o substantivo que instancia essa expressão [S + a/eria] não significa o produto vendido, como em [[HAMBURGUER]/[hamburger]–[ERIA]/[eria]], e sim aquele a quem produtos não especificados se destinam. A expressão [ainda] é monossêmica, e seu significado é metonímico.

O estabelecimento que encontramos designado por *bananaria* nem vende banana nem vende suco de banana nem vende nada feito de banana. Vende tudo a preço de banana. Portanto, o acesso a banana é ainda mais indireto pois envolve o que o senso comum fixou como preço baixo, e não o preço da banana atualizado por algum índice de preços reconhecido pela Economia. A indiretividade no acesso à contribuição semântica do substantivo *banana* torna o significado de [[BANANA]/[banana]–[ARIA]/[aria]] metonímico, em mais um caso de monossêmia até o momento de formulação desta análise.

O estabelecimento que encontramos designado por *formigaria* não vende formigas nem produtos para matar formigas, e sim doces para quem se considera uma formiga. Aqui temos a participação da metáfora, que seria PESSOAS SÃO FORMIGAS, o que poderia nos levar a substituir o título desta seção por “o papel da figuratividade”, mas também temos a participação da metonímia, dado que o acesso a doces diz respeito ao que a cultura difundiu como objeto do desejo das formigas. Em outras palavras, a relação entre quem come e o que é comido se mantém, e é nesta relação que a metonímia atua dando acesso à comida (doces) por meio de quem come (formiga). O que muda é que quem come é conceitualizado metaforicamente como formiga.

Por fim, os estabelecimentos designados por *esmalteria* não vendem esmalte. São salões especializados em fazer a unha, atividade em que o esmalte é a substância mais saliente dentre as demais. A referência ao fim pelo meio se dá por uma rota metonímica, que confere a [[ESMALTE]/[esmalte]–[ERIA]/[eria]] significado fortemente dependente do conhecimento sobre o domínio da experiência em que o esmalte é central.

Com base nesses dados, respondemos afirmativamente à primeira pergunta. Há um padrão metonímico associado à construção [S + a/eria]. Resta saber se se aplica somente às novas expressões.

O que Cunha (1998) chama de palavras clássicas, como *sapataria*, *padaria*, *marcenaria* e *joalheria*, vem sendo considerado neste artigo como expressões a partir das quais atua a esquematização, que leva à aquisição da construção [S + a/eria], mas a atuação dos processos cognitivos deve ser considerada em cada falante. Assim, a esquematização num determinado falante pode não ser deflagrada por expressões mais antigas, e sim por uma das expressões mais recentes, como *hamburgueria*, e inversamente levar esse falante a reconhecer a mesma estrutura em palavras mais antigas. Portanto, mais antigas e mais recentes na língua, considerada por seus produtos, não necessariamente coincide com mais antigas e mais recentes na aquisição do léxico por um falante real, considerados os processos cognitivos e a variedade da língua em questão.

O que pretendemos identificar com o contraste entre antigas e recentes é se, no curso da mudança, o padrão metonímico é novo ou sempre esteve associado à construção [S + a/eria]. A expressão *lavanderia*, entre as mais antigas, designa um estabelecimento especializado em lavar e passar roupa. Apenas a primeira atividade é considerada por meio da substância usada na lavagem, no que diz respeito à sua fabricação a partir da lavanda, que é uma planta. Portanto, a metonímia atua no acesso à planta por meio da substância feita com a planta e no acesso à atividade de lavar roupa por meio do cheiro da substância com que a roupa é lavada. Esse dado, que goza de alta frequência de uso, nos parece exibir o mesmo padrão metonímico que identificamos nas expressões mais recentes. Portanto, nossa resposta à segunda pergunta é que o padrão metonímico não permite distinguir entre as palavras mais antigas e as mais recentes.

4.4. A estrutura fonológica

Langacker (2019, p. 18) reconhece a necessidade de “[...] *a more comprehensive characterization of phonology in CG terms than has thus far been available* [...]”. Assim como para o modelo teórico adotado, a estrutura fonológica da construção [S + a/eria] ultrapassa os objetivos deste artigo e permanece como objeto de investigação. Aqui nos limitamos à identificação da alternância entre *aria* e *eria* na melhor representação de uma única construção: [S + a/eria]. A seguir, registramos algumas indagações, que deixamos em aberto.

Entre nossos dados, existem os pares *batataria* / *batateria* e *biscoitaria* / *biscoiteria*, em que a vogal final de *batata* e *biscoito* não parecem determinar a alternância entre *aria* e *eria*, questão que pode favorecer a duplas formações na mesma variedade linguística ou a uma formação por variedade linguística.

Entre nossos dados, existem expressões em que ocorre a consoante [t], sem que tal consoante possa ser atribuída aos substantivos que instanciam o esquema, como *bicicletaria* e *biscoitaria*. São apenas quatro: *açaiteria*, *coiseteria*, *lancheteria* e *yogateria*. Por isso, optamos por não postular que a construção seja [S + (t)a/eria]. Novas expressões podem vir a confirmar ou desconfirmar nossa posição de que, visando à generalização, a construção é [S + a/eria].

O parâmetro fonológico oferecido pela GC é a analisabilidade. Entre as palavras mais antigas, *padaria*, *joalheria* e *marcenaria* são menos analisáveis que *sorveteria* e *borracharia*.

Novel expressions are fully analyzable, since the speaker has to construct them from component elements on the basis of their meanings. Established expressions may be less analyzable (LANGACKER, 2009, p. 26).

Assim, a analisabilidade nos permite distinguir entre antigas e recentes, não pela datação de produtos, mas pela expectativa de mais analisabilidade nas expressões novas. O que os dados revelam é que tanto expressões mais antigas quanto expressões mais recentes podem ser mais ou menos analisáveis.

5. Conclusão

Este artigo nasceu da inquietação de uma então aluna de graduação diante de palavras novas, como *açaiteria*, *esmalteria* e *hamburgueria*, muito usadas na designação de estabelecimentos comerciais. A primeira indagação foi se se tratava de um fenômeno dialetal, restrito à cidade ou à região metropolitana de São Paulo. A segunda foi se se tratava do mesmo padrão de formação de palavras como *sapataria*, *padaria* e *lavanderia*.

Anos depois, a inquietação serviu de ponto de partida de um projeto de pesquisa que permitisse, dentro dos limites de um mestrado, entender melhor o fenômeno. O encontro fortuito de cada vez mais expressões em diferentes cidades do Brasil fortaleceu a hipótese de que a construção [S + a/eria] é produtiva no PB.

A escolha da LC como teoria e da GC como modelo levou à seleção dos conceitos fundamentais à descrição da construção, na busca por generalização. A pesquisa permitiu identificar mais semelhanças que diferenças entre as palavras mais antigas e as mais recentes.

A principal diferença é que as mais antigas se distribuem entre mais domínios da experiência, enquanto as mais recentes se especializam na designação de lugares, eventos e comunidades, o que revela que a mudança semântica da construção foi no sentido da especialização. As principais semelhanças são: (i) a conservação do padrão metonímico que permite ao substantivo que instancia a construção dar acesso indireto ao referente; (ii) a manifestação de diferentes graus de analisabilidade tanto entre as mais antigas quanto entre as mais recentes, sendo a analisabilidade a contraparte fonológica da composicionalidade; e (iii) a alternância entre *aria* e *eria* na estrutura fonológica de uma única construção, e não de duas construções.

Nossas conclusões convergem com algumas descrições e divergem de outras fornecidas pela tradição gramatical, ressaltando que a tradição gramatical enfoca as palavras reais e atestadas, enquanto a GC enfoca os processos cognitivos envolvidos na formação de palavras e significados. Os pontos de convergência são: (a) o que é descrito como combinação dos sufixos *ário* e *ia* resultante na formação do sufixo *aria* é revisto como evidência de que a mescla atua também na formação de dependentes, concebidos como elementos invariáveis em construções caracterizadas como lugares de elaboração; (b) o que é descrito como significado dos sufixos é revisto como parte do significado da construção, desdobrado em especificidade, proeminência, foco e perspectiva; (c) o que é descrito como alternância fonológica de um único sufixo é mantido como alternância fonológica numa única construção; (d) o que é descrito como formação de substantivos a partir de substantivos é revisto como consequência do destaque, um dos elementos da proeminência, o que nos leva a representar a construção como [S + a/eria]. O único ponto de divergência é que, apesar de a evolução de *ário* a *eiro* ser um fato diacrônico, postulamos não apenas que, sincronicamente, são duas as construções, [X + *ário*] e [X + *eiro*], mas também que essas construções estão em rede com [X + a/eria] e outras construções.

Consideramos justificada nossa hipótese de que a construção [S + a/eria] é produtiva pelo volume de expressões que resultam de sua instanciação, no que a GC restabelece, em termos de

convencionalidade e rotinização, o debate instituído pelo lexicalismo gerativo quanto à produtividade ser um fenômeno gradativo ou absoluto. Até a conclusão da dissertação que serve de base para este artigo, continuamos encontrando novas expressões, como *arrozeteria*, que contribuiria para a discussão sobre a difusão de [t] na estrutura fonológica, sobre a especificidade semântica na designação de estabelecimentos comerciais e sobre a subjetivização. Deixamos vários pontos em aberto, sobretudo os de ordem fonológica, e entendemos que esta é apenas uma contribuição para a descrição da construção [S + a/eria] no PB.

Referências

- ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; LEMOS DE SOUZA, Janderson; KEWITZ, Verena. Preposições complexas: moldes e modos. In: TENUTA, Adriana Maria; COELHO, Sueli Maria (org.). *Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas*. 1. ed. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2018, pp. 157-80.
- BASILIO, Margarida. O papel da metonímia na morfologia lexical. *ReVEL*, edição especial, n. 5, 2011, pp. 99-117.
- BASILIO, Margarida. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, pp. 1-14, 2010.
- BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- CONDÉ, Valéria Gil. Estudo comparativo do sufixo *-ária/-éria* nas línguas galega e asturiana em contraste com a língua portuguesa. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 14, 2009, pp. 35-50.
- CROFT, William. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. *Cognitive Linguistics*, Berlin, New York, v. 4, n. 4, 1993, pp. 335-70.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- LANGACKER, Ronald. Morphology in cognitive grammar. In: AUDRING, Jenny; MASINI, Francesca (eds.). *The Oxford handbook of morphological theory*. Online publication (www.oxfordhandbooks.com): jan. 2019, pp. 1-21.
- LANGACKER, Ronald. *Investigations in cognitive grammar*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2009.
- LANGACKER, Ronald. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford, New York: Oxford Press, 2008.
- LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LEMONS DE SOUZA, Janderson. Provocações morfológicas à gramática cognitiva. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, 2020, pp. 303-23.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1951.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 33. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

SILVA, João Carlos Tavares da. *Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2017.

SOARES DA SILVA, Augusto. A sociolinguística cognitiva: razões e escopo de uma nova área de investigação linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*, Braga, v. 1, n. 13, 2009, pp. 191-212.

SOARES DA SILVA, Augusto. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SOUZA, Mariana Pimentel Lopes de. “*Açaiteria*”, “*Esmalteria*”, “*Risadaria*”: a construção [X + a/eria] no português brasileiro segundo a gramática cognitiva. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras (Estudos Linguísticos), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2021.